

UMA FÁBULA DE DINO BUZZATI¹

Mariarosaria Fabris (USP)²

Resumo: O escritor italiano Dino Buzzati é mais conhecido entre nós pelo romance *O deserto dos tártaros* (1940) e por sua narrativa breve. *A famosa invasão dos ursos na Sicília* (1945) é considerada, em geral, sua única incursão na literatura infanto-juvenil. É um livro ilustrado pelo próprio autor, que se impõe pela criatividade que cativa o leitor, graças à complexa riqueza da interação entre palavras e imagens.

Palavras-chave: Literatura italiana; Literatura infanto-juvenil; Dino Buzzati; *A famosa invasão dos ursos na Sicília*; Livro ilustrado

Mais conhecido por seus numerosos contos e, principalmente, pelo romance *O deserto dos tártaros* (1940), Dino Buzzati, em 1945, publicava *A famosa invasão dos ursos na Sicília*, considerada em geral, sua única incursão na literatura infanto-juvenil, embora *Barnabo delle montagne* (1933) e *Il segreto del Bosco Vecchio* (1935) também sejam arrolados por alguns autores nesse gênero.

A famosa invasão dos ursos na Sicília narra a história de Leôncio, rei dos ursos, o qual, ao ter seu filhote capturado por dois caçadores, prefere dizer a seu povo que o pequeno havia morrido ao cair de um penhasco. Os anos passam, até que um dia, quando a fome aperta por causa de um inverno muito rigoroso, o rei aceita a sugestão de seus súditos de descerem para a planície, em busca de comida, nem que, para isso, tenham que enfrentar os homens.

Começa, assim, uma atribulada viagem de iniciação, pois as boas feras terão de superar muitos obstáculos antes de alcançarem seu objetivo: lutar contra o aguerrido exército do Grão-Duque; repelir o ataque das hostes do Senhor de Molfetta, formadas por javalis treinados para a guerra, que um mago transforma em balões; confraternizar com os espíritos de uma cidadela endemoninhada, para cujo castelo em ruínas os havia atraído o mago, na esperança de assustá-los; escapar, não antes de uma hecatombe, das garras do enorme e terrível gato-papão, trancado por um ogro numa jaula em seu castelo; expugnar a fortaleza que protegia a capital do grão-ducado; aguentar o baque pela aparente morte do reencontrado filho do rei, atingido por um disparo do Grão-Duque para vingar-se da derrota sofrida.

¹Versão concisa do artigo “A fabulosa incursão de Dino Buzzati na literatura infantil”, escrito para o dossiê “O livro ilustrado para crianças e jovens” do vol. 8 de *Pensares em Revista* (UERJ-FFP).

²Pós-doutora, docente aposentada do Departamento de Letras Modernas (FFLCH/USP). Contato: neapolis@bol.com.br.

Com a eliminação do Grão-Duque, crivado de balas, e a ressurreição do jovem urso começam os festejos pelo reinado de Leôncio, que passa a governar o território conquistado. E lá se vão treze anos, durante os quais, para desgosto de seu rei, muitos dos ursos instalados na cidade haviam adquirido os hábitos dos homens. Coisas estranhas começam a acontecer no reino, mas, apesar das evidências e dos avisos, Leôncio prefere imputar a culpa aos homens, até que, alertado por um bilhete de um urso fiel, se dirige, incógnito e disfarçado, a uma casa clandestina de jogos, onde, para seu espanto, encontra o filho. O soberano, finalmente, resolve convocar todos os súditos, homens e ursos, mas o astuto camareiro-mor, o distrai de seu intento, mostrando o projeto de uma estátua faraônica a ser erguida em sua homenagem. Envaidecido, o rei esquece seus propósitos, mas, quando o monumento está quase pronto, surge uma ameaça para a cidade: uma enorme serpente marinha, que assusta a todos. Leôncio se apressa a enfrentá-la e consegue atingi-la com um arpão, enquanto outros ursos disparam, dentre eles o camareiro-mor, que atira nas costas de seu senhor, sendo em seguida decapitado. Mortalmente ferido, o rei pede a seu povo que abandone a cidade e suas fúteis tentações e que volte para as montanhas, onde quer ser sepultado.

A fábula foi criada no período final da Segunda Guerra Mundial, antes em forma de desenhos, depois enquanto narrativa. Sua versão original, dividida em duas partes, *A famosa invasão dos ursos* e *Velhos ursos, adeus!*, havia sido divulgada no periódico infantil *Corriere dei piccoli*, entre 7 de janeiro e 18 de fevereiro (capítulos um a sete da primeira parte) e entre 8 e 29 de abril de 1945 (capítulos catorze a dezessete da segunda, que permanecerá incompleta). Cada um dos onze capítulos se espalhava por oito páginas e era acompanhado de uma grande ilustração colorida e pequenos desenhos também coloridos, que, ao ocuparem dois terços da página, sobrepujavam o texto.

A publicação foi interrompida de vez durante o conturbado período que se seguiu ao término do conflito armado na Itália (25 de abril) e, para ser editada em livro, passou por uma cuidadosa revisão. Parte dos desenhos originais foi eliminada, a fábula foi reescrita pelo autor em tons mais leves, com a fusão das duas partes (a primeira mais épica; a segunda mais reflexiva), a introdução das estrofes e a expansão da cronologia dos acontecimentos de cinco para treze anos; ademais, a obra recebeu o acréscimo da apresentação das personagens e dos cenários, colocada antes da trama propriamente dita, e o novo local da ação (da Maremma, região costeira entre a Toscana e o Lácio, passa-se para a Sicília) levou à mudança no título.

O fato de *A famosa invasão dos ursos na Sicília* ter sido concebida e reelaborada em 1945 levou a muitas conjecturas sobre de que invasão se tratava e quem eram os ursos, ou seja, a associações com os fatos políticos e bélicos da época. Interpretações possíveis, mas, às vezes, um pouco forçadas, dado que pressupõem uma correspondência exata entre a fábula engendrada e os acontecimentos que abalaram a Itália naquele período. Alguns intérpretes da obra buzzatiana atiraram em muitas direções, a esmo, sem atingir um alvo específico, quando talvez, como aponta Silvana Cirillo (TRUGLIO, 2011), o escritor quisesse apenas “evadir daquela realidade cinzenta projetando-se naquela sem dúvida mais colorida e atraente do mundo... dos desenhos e das ilustrações”.

Além disso, as conjecturas são irrelevantes para os leitores de hoje, para os quais o que se impõe é a força da fábula buzzatiana. Como sublinha Giulio Carnazzi (2002, p. XXIV):

É grande a tentação de insistir sobre as referências à atualidade, de perseguir as possíveis correspondências entre as guerras dos ursos e os trágicos acontecimentos daqueles anos. [...] Mas, cuidado para não forçar o sentido desses indícios; em *A famosa invasão dos ursos na Sicília* contam mais os achados de uma verve narrativa que é livre sem ser gratuita, a revisitação paródica de lugares romanescos consolidados e aquele cativante veio de ironia e humorismo que permanecerá como marca de largos trechos da obra buzzatiana. Na sempre variada e cambiante posologia com a qual Buzzati combina os dados da invenção, da fabulação e da alegoria, o que prevalece aqui é a reivindicação do prazer de narrar.

E o prazer da leitura, que poderá ser compartilhado por leitores de todas as idades, como observa Francesca Lazzarato (2011, p. 146-147):

Para as crianças, eis o encanto de inúmeros achados e surpresas, da aventura e do fabular, da magia e do enredo, de um delicado e irresistível humorismo, do arrepio provocado pela aparição de monstros e fantasmas, mas também a profundidade de uma mensagem que não tem nada de premeditado, nem exhibe estigmas pedagógicos de nenhum tipo: porque esta é uma história sobre a coragem autêntica, sobre a amizade e a generosidade, sobre a importância de não se render ao luxo e ao poder, sobre a necessidade de cada um ser ele próprio e fazer o máximo, independentemente de como caminham as coisas.

Para os adultos, ao contrário, representa a possibilidade de superar o limiar da infância toda vez que se desejar, sem abusar da nostalgia e do infantilismo, desfrutando, além do mais, dos múltiplos níveis de leitura de uma pequena obra perfeita e alegre, na qual são identificáveis quase todos os temas fundamentais de Buzzati “para adultos”, desde que seja legítima uma distinção desse gênero, quando se fala de “um autor em que as competências do humorista, do fabulador, do trágico são na realidade complementares e interdependentes”³.

³Na parte final desse trecho, a autora está citando CARNAZZI (2002, p. XXIII).

O que acresce o prazer da leitura são as ilustrações que o escritor havia criado antes de urdir a trama que as complementa. Adepto da pintura narrativa, Buzzati tinha concebido uma série de tábuas coloridas e desenhos de vários tamanhos para contar a saga dos ursos. Quase sempre, a pequena figura que fecha cada capítulo remete à imagem de abertura, mas, quando isso não acontece, ela se refere a algum outro elemento presente naquele trecho da história. As ilustrações coloridas são as que se sobressaem pelo apuro do traço, pelo agenciamento espacial da composição, pela distribuição harmoniosa dos volumes, pela atenção dada aos detalhes, pela feliz escolha das cores e pelo equilíbrio dos tons. Cada uma dessas imagens alude sempre ao acontecimento mais importante, e, quando há mais de uma no mesmo capítulo, a segunda se liga a outro momento significativo.

Em várias ocasiões, o narrador chama a atenção do leitor para o que é representado. As imagens acabam sendo reiterativas em relação à trama, ao ilustrarem o que nela é contado e, no caso das coloridas, estas trazem nas legendas o resumo do texto a que alude a representação (de tanto em tanto, com o acréscimo de algum detalhe) e pequenos desenhos que a sintetizam. É como se cada passagem a que elas se referem fosse narrada quatro vezes (e até mais, quando as estrofes ecoam trechos em prosa), numa interação constante entre a linguagem verbal e a visual. Há momentos em que as tábuas funcionam como uma espécie de elo entre o que já foi exposto e o que será relatado ou descrito em seguida.

A capacidade de englobar numa única composição vários momentos de uma trama será uma característica constante na obra pictórica de Buzzati, principalmente naqueles quadros em que a simbiose entre imagem e palavra se faz presente e que ele denomina *As histórias pintadas*, cuja fatura o ocupará nas décadas de 1950-1960. Essa continuidade narrativa não era uma inovação, pois já havia sido empregada nos hieróglifos egípcios, nos sarcófagos romanos e retomada por pintores como Masaccio, Paolo Uccello e Piero Della Francesca. Ou, ampliando mais o espectro e mapeando a genealogia das histórias em quadrinhos, vale lembrar que, desde a época das cavernas até o advento da arte abstrata, o ato de pintar sempre esteve ligado a uma narração, principalmente quando contou histórias para uma multidão de iletrados (DORFLES, 2005, p. 4; TRUGLIO, 2011).

Referências eruditas, sem dúvida, fazem parte do universo de Buzzati por sua formação e isso é atestado por outras ilustrações que dialogam com obras consagradas.

Por exemplo, os vagalhões dos quais emerge a serpente marinha evidenciam sua ligação com a estampa *A grande onda* (1830 ou 1831), de Katsushika Hokusai; as silhuetas pretas das bailarinas e do urso equilibrista, que emulam sombras chinesas, parecem inspirar-se também na *Cinderela* (1919), de Arthur Rackham, ilustrador de clássicos da literatura infanto-juvenil, cujas obras haviam encantado o pequeno Dino; os pássaros que sobrevoam as altas torres durante a confraternização entre ursos e espectros, bem como a solitária ave noturna que acompanha os passos de Leôncio rumo à casa de jogos, têm ascendentes ilustres nos animais voláteis que circundam um homem repousando em *O sono da razão produz monstros* (1797), de Francisco Goya; a cidadela endemoninhada, com seus edifícios periclitantes, e a soturna caminhada do rei em busca do cassino clandestino evocam estilemas e atmosferas do Expressionismo alemão, principalmente o cinematográfico.

Por outro lado, não se pode esquecer que Buzzati não desdenhava gêneros mais populares, como pode ser constatado por suas leituras de livros para adolescentes – em 1971, ele prefaciará os dois primeiros volumes das aventuras de Tarzan, criadas pelo escritor norte-americano Edgar Rice Burroughs a partir de 1912 – e gibis, como os do Pato Donald, como atesta, aliás, o parentesco entre a criatura marinha de *A famosa invasão dos ursos na Sicília* e aquela desenhada pelo cartunista estadunidense Carl Barks em *O encantador de serpentes* (1951). No prefácio de *Vita e dollari di Paperon de' Paperoni* (*A saga do Tio Patinhas*), em 1968, o escritor havia declarado seu encanto pelos quadrinhos, que considerava “uma das maiores invenções narrativas dos tempos modernos”, acrescentando ainda sua apreciação pelo velho milionário pão-duro e seu desastrado sobrinho: “Sua estatura, como seres humanos, não me parece inferior à dos famosos personagens de um Molière, de um Goldoni, de um Balzac ou de um Dickens” (V.A., 2005, p. 11).

O convívio entre a cultura erudita e a popular caracteriza também o texto de *A famosa invasão dos ursos na Sicília*, em que partes rimadas e trechos em prosa se alternam. Lembrando que essa obra foi definida “uma balada repleta de maravilha”, Elisa Martini aponta, dentre suas fontes literárias, poemas de cavalaria – *Orlando enamorado* (1483-1495), de Matteo Maria Boiardo, e *Orlando furioso* (1516-1532), de Ludovico Ariosto – e outras manifestações como as composições dos jograis, as canções de gesta, as romances, formas baseadas na oralidade, em que o público era convidado a escutar as histórias contadas. E o narrador do livro de Buzzati (2011, p. 15) faz o mesmo convite aos leitores, em várias ocasiões, como no trecho inicial da fábula, cujos versos emulam

com leveza o tom épico das obras nas quais se inspiraram: “Agora vamos ouvir prestando bem atenção / dos ursos na Sicília a famosa invasão”.

Se reiterados convites a olhar para as imagens quebram a ilusão criada pela fabulação, porque obrigam o leitor a atentar para “a materialidade do livro” (TRUGLIO, 2011), o mesmo acontece com os convites à escuta, que o arrancam de um ato isolado, a leitura, para integrá-lo num círculo maior de ouvintes (que podem ser solicitados a manifestar-se), no qual também o narrador está implicado, principalmente pelo emprego constante da primeira pessoa do plural.

Um narrador onisciente, o qual, por conhecer a trama antes do que o leitor, se diverte, com certa irreverência, diante da perplexidade deste quando há uma discrepância entre o texto e a imagem que está observando. O que o narrador conhece, porém, é o que lhe foi transmitido, por sua vez, por um ancião, que assim lhe responde ao ser indagado sobre umas pedras abandonadas no canto de um jardim: “– Mas como? – Não sabe, senhor? São os restos de uma estátua antiga. Vê? No tempo dos tempos... E começou a contar” (BUZZATI, 2011, p. 129).

A presença de um guardião da memória confere de vez o estatuto de ouvinte também ao narrador e assegura a continuidade da transmissão de uma história, que se perde na bruma dos tempos, para a geração seguinte. Uma transmissão que, seguindo a tradição dos contos populares, é oral antes de ser escrita. Por isso Buzzati faz da oralidade o traço dominante da linguagem empregada nesse livro e, para tanto, opta por uma língua comunicativa, clara, de uma rigorosa simplicidade, sem termos rebuscados, quase perto da fala do dia a dia, mas não isenta de poeticidade. A oralidade se faz presente não só nos trechos em prosa, bem como nos versos, os quais, mais do que nas formas literárias arroladas por Martini, levam a pensar nas *filastrocche*, ou seja, naquelas cantigas infantis que, com seu ritmo acelerado, suas rimas simples, às vezes assonantes, em que as palavras parecem perseguir-se de um verso para outro, embalam também a infância do escritor.

A presença da morte em algumas *filastrocche* mostra que ela não era estranha às brincadeiras infantis como contraponto à vida e é sobre o confronto entre essas duas realidades que Buzzati estrutura sua fábula. Prenunciada nas várias baixas que os ursos sofrem nas lutas travadas, a morte, porém, não é assustadora, pois permite o reencontro com os que se foram, tanto na festa macabra, quanto no momento em que Leôncio se despede da vida.

A volta dos ursos ao espaço edênico das velhas montanhas de onde partiram, levando consigo o bem-amado rei, mais do que representar uma utopia regressiva, talvez

seja uma constatação de que a vida nada mais é do que uma viagem rumo à morte, pois é esta que lhe dá sentido e permite ao homem reintegrar-se no cosmos.

Disso deriva a circularidade da fábula narrada, a qual, quando começa, já tem um fim traçado, e, quando termina, volta ao início, ao princípio de tudo. Essa reflexão sobre a inelutabilidade do destino do homem é serena, porque o escritor, além de não temer “a querida morte” (BUZZATI, 2010, p. 112), se dirige aos mais jovens. Ela, porém, não deixa de ter algumas pinceladas de melancolia, como quando os ursinhos se despedem das crianças, único momento em que Buzzati põe em cena o público ao qual a obra se destinava.

Quando *A famosa invasão dos ursos na Sicília* foi gerada, a literatura italiana trilhava outros caminhos, com a afirmação do neorealismo e suas histórias da vida real, quase documentais. O escritor, no entanto, sempre foi um *outsider*, pois o fato de não pertencer a nenhuma corrente artística lhe deu uma margem de liberdade incomum. Consequentemente, ao escrever preferiu afastar-se da representação da realidade, o que, no entanto, não significou dar-lhe as costas, pois é das dobras da realidade que Buzzati faz brotar, sem carregar nas tintas, aqueles elementos dissonantes que põem em xeque a racionalidade, que desencadeiam o insólito. Por isso o recurso constante à alegoria que lhe permite refletir sobre a sociedade e o presente, mesmo nas fábulas aparentemente mais inocentes. Dessa forma, a ficção é transformada em realidade outra, paralela à dos fatos concretos do dia a dia. O que Buzzati propõe é cruzar a fronteira que separa o cotidiano do fantástico e cabe a nós, leitores – crianças ou adultos –, a decisão de embarcar nessa viagem rumo à magia da ficção.

Referências:

BUZZATI, Dino. *A famosa invasão dos ursos na Sicília*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2011.

BUZZATI, Dino. *Poema a fumetti*. Milano: Mondadori, 2010.

CARNAZZI, Giulio. Introduzione. In: BUZZATI, Dino. *Opere scelte*. Milano: Mondadori, 2002, p. VII-L.

DORFLES, Gillo. Il fumetto tra disegno e racconto. In: GIANNETTO, Nella; GALLINA, Manuela (org.). “*Poema a fumetti*” di Dino Buzzati nella cultura degli anni '60 tra fumetto, fotografie e arti visive. Milano: Mondadori, 2005, p. 3-8.

LAZZARATO, Francesca. Um livro para todos. In: BUZZATI, Dino. *A famosa invasão dos ursos na Sicília*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores, 2001, p. 133-153.

TRUGLIO, Maria. Dino Buzzati's La famosa invasione degli orsi in Sicilia and the possibilities of children's literature. *California Italian Studies Journal*, ano 2, n. 2, 2011. Disponível em: <<http://escholarship.org/uc/item/1963d93x>>. Acesso: 13 jul. 2016.

V.A. I fumetti e le immagini che cambiarono l'Italia. In: GIANNETTO, Nella; GALLINA, Manuela (org.). *"Poema a fumetti" di Dino Buzzati nella cultura degli anni '60 tra fumetto, fotografie e arti visive*. Milano: Mondadori, 2005, p. 9-36.